



## **“O CONTO DA AIA” - THE HANDMAID’S TALE: REFLEXÕES SOBRE O LIVRO COMO POSSIBILIDADE DE DISCUSSÃO DOS ATAQUES AOS DIREITOS HUMANOS E DAS MULHERES**

### **THE HANDMAID’S TALE: REFLECTIONS ON THE BOOK AS THE POSSIBILITY OF DISCUSSION OF THE ATTACKS ON HUMAN RIGHTS AND WOMEN RIGHTS**

Andrea Nárriman Cezne <sup>1</sup>

Íngrid Schmidt Visentini <sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo analisar a obra “O Conto da Aia”, de Margareth Atwood, e de que forma a obra pode ser utilizada como ponto inicial de reflexão sobre as violações aos direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres. O livro apresenta uma distopia, tratando de uma teonomia implantada em uma parte dos EUA. A partir de um golpe de Estado, um grupo fundamentalista cristão, Os Filhos de Jacó, assume o poder e suspende a Constituição dos EUA, restringindo as liberdades básicas, como direito de ir e vir e a liberdade religiosa. Estabelece-se uma sociedade dividida em castas, com funções determinadas, afetando em especial as mulheres. Essas têm seus direitos humanos restritos, não podendo ter propriedade, dinheiro, trabalhar fora do ambiente doméstico, nem ler ou escrever. A partir da narrativa, pode-se refletir sobre os processos de restrição a direitos e como se constroem em um Estado Autoritário. A metodologia utilizada é indutiva, a partir da análise do livro, e os métodos histórico e comparativo.

Palavras-chave: Conto da Aia, direitos humanos, distopia

#### **ABSTRACT**

The purpose of this article is to analyze Margareth Atwood's work “The Handmaid's Tale” and how it can be used as a starting point for reflection on human rights violations, especially women's rights. The book presents a dystopia, dealing with a theonomy implanted in a part of the USA. From a coup d'état, a fundamentalist Christian group, The Children of Jacob, takes power and suspends the US Constitution, restricting basic freedoms such as the right to come and go and religious freedom. A caste-based society with established functions is established, affecting women in particular. They have restricted human rights and cannot own property, money, work outside the home, or read or write. From the narrative, one can reflect on the processes of restriction of rights and how they are built in an Authoritarian State. The method used is inductive, from the book analysis, and methods historic and comparative.

Keywords: The Handmaid's Tale, Human Rights, Dystopia

<sup>1</sup> Orientadora. Professora do Curso de Direito da UFSM. Coordenadora do Projeto de Pesquisa e de Extensão Direito e Gênero e do Grupo Artemis - Direito e Gênero. Email para contato: ancezne@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Sociais. Bolsista FIEX-UFSM do Projeto de Extensão Direito e Gênero. Email para contato: ingridvisentini@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como objetivo discutir a relação entre a obra *O Conto da Aia* (*The Handmaid's Tale*), escrita por Margaret Atwood, e as possíveis reflexões que a partir dela se pode fazer sobre a questão dos direitos humanos, especificamente a questão dos direitos das mulheres, seus avanços e retrocessos históricos. Dessa forma, busca-se analisar inicialmente a construção da obra e seus elementos principais. Posteriormente, verificam-se quais as possíveis relações entre a obra e os direitos humanos, especificamente os direitos das mulheres. Procura-se responder à questão de quais as violações de direitos humanos são abordadas na obra literária. A partir de uma visão de estudo de caso, trata-se da obra literária procurando refletir de que forma pode ser utilizada como ponto de reflexão inicial sobre a questão dos direitos humanos e mais especificamente dos direitos das mulheres. O trabalho é o resultado parcial de um estudo de longo prazo que buscará estudar a obra “*O Conto da Aia*” e suas relações com os direitos humanos. A perspectiva metodológica utilizada é indutiva, partindo-se da obra como ponto inicial da pesquisa, e como métodos de procedimento o histórico e comparativo.

### 1 A OBRA O CONTO DA AIA E SUA AUTORA

A obra “*O Conto da Aia*” (*The Handmaid's Tale*) criação da escritora canadense Margareth Atwood foi publicada originalmente em 1985. Venceu no mesmo ano o prêmio Governor General's, e o prêmio Arthur Clarke em 1987, entre outros prêmios e indicações. A autora Margareth Atwood teve seu trabalho publicado em 25 países e sua obra já foi traduzida em mais de 20 línguas. Ela é comprometida com as causas da liberdade e igualdade de direitos<sup>3</sup>, e isso se reflete em sua obra.

*O Conto da Aia* pode ser classificado como uma distopia, tratando-se de uma obra de ficção especulativa. A história se passa no contexto de uma teocracia implantada na região da Nova Inglaterra dos Estados Unidos da América. Ocorre um golpe de Estado, com o assassinato do Presidente e da maior parte do Congresso, realizado por um grupo

<sup>3</sup> DVORAK, Marta. Foreword In: DVORAK, Marta (org.) *Lire Margaret Atwood : The Handmaid's Tale*. Rennes, França: Presses universitaires de Rennes, 1999 Disponível em: <http://books.openedition.org/pur/30510>. Acesso em: 23 de jul. 2019. P.13-16



fundamentalista cristão, os “Filhos de Jacó”. A Constituição é suspensa, os jornais são censurados e o governo passa a ser uma ditadura militarista e fundamentalista cristã denominada de “República de Gilead”. O novo governo rapidamente se consolida, eliminando outros grupos políticos e religiosos. A sociedade é reorganizada em uma estrutura baseada em uma leitura restritiva e fanática a partir do Velho Testamento. O novo regime restringe e elimina direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres, que passam de uma hora para outra a não poderem ter mais propriedade privada, não terem acesso a recursos financeiros próprios, não poderem trabalhar fora do ambiente doméstico. Passa a ser proibido também que as mulheres leiam ou escrevam.

A sociedade passa a ser dividida em castas, particularmente ligadas a papéis de gênero no caso das mulheres, e identificadas por vestimentas com cores diferentes. No topo estão os Comandantes de Gilead e suas esposas. As Esposas são identificadas com vestimentas azuis (inspiradas nas vestimentas tradicionais da Virgem Maria). Quando se tornam viúvas passam a vestir preto. As Filhas naturais ou adotadas da classe dominante usam branco até seu casamento arranjado pelos pais.

As Tias são as treinadoras das Aias, que também policiam e punem, inclusive fisicamente, as Aias que contrariem as ordens, ou desafiem o treinamento dado. A cor de suas vestimentas é o marrom. Elas têm um grau de autonomia maior do que as outras mulheres, podendo ler e escrever. Conforme a autora,

No caso de Gilead, existiam muitas mulheres dispostas a servir como Tias, fosse por causa de uma crença genérica no que chamavam de ‘valores tradicionais’, ou pelos benefícios que poderiam desse modo adquirir. Quando o poder é escasso, ter um pouco dele é tentador. Havia também um induzimento negativo: mulheres sem filhos ou estéreis ou mais velhas que não eram casadas podiam se alistar para servir como Tias, assim escapar à inutilidade e conseqüente embarque para as infames Colônias, que eram compostas de populações portáteis usadas principalmente como esquadrões descartáveis de limpeza de materiais tóxicos, embora se você tivesse sorte pudesse ser destacado para tarefas menos arriscadas, como apanhar algodão e trabalhar na colheita de frutas.<sup>4</sup>

Abaixo se encontram as Aias, mulheres férteis cuja função é terem filhos para os Comandantes e suas esposas. São mulheres que de alguma forma infringiram a lei, incluindo-se aí comportamentos considerados indesejados pelo regime, como o lesbianismo (considerado “crime de gênero”), e crimes religiosos como o adultério. Destaca-se que o

<sup>4</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 362



conceito de adultério passou a incluir relações com parceiros divorciados, já que o divórcio tornou-se ilegal e todos os casamentos posteriores a esse passam a não ser mais reconhecidos como válidos pelo Estado. Conforme destaca a própria autora:

O regime criou uma reserva imediata dessas mulheres ao declarar adúlteros todos os segundos casamentos e ligações extraconjugais, prendendo as parceiras do sexo feminino, e, com o fundamento de que elas eram moralmente inaptas, confiscando os filhos e filhas que já tivessem, que foram adotados por casais sem filhos de escalões superiores que eram ávidos por ter progênie, quaisquer que fossem os meios empregados.(...) Desse modo, homens ocupando altas posições no regime puderam escolher a dedo entre as mulheres que tinham demonstrado ser aptas reprodutivamente ao terem concebido e dado a luz uma ou mais crianças saudáveis, uma característica desejável numa era de índices de natalidade caucasianos em queda livre, um fenômeno observável não só em Gilead, mas também na maioria das sociedades caucasianas na época.<sup>5</sup>

As Aias vestem-se com longos vestidos vermelhos, capas brancas e toucas brancas, que impedem sua visão periférica, e escondem suas faces. O treinamento que recebem coloca sua função de servir ao Estado através da função reprodutiva, ou seja, estritamente a de ter filhos, e elas permanecem nas casas dos Comandantes a quem pertencem pelo período de amamentação da criança. As Aias perdem o direito de usar seus nomes, passando a ser designadas pelo Comandante a quem pertencem. Entre os períodos em que estão na casa de algum Comandante, elas estão nos Centros de Treinamento.

As Martas são mulheres mais velhas e inférteis que tem habilidades domésticas, passando a servir como empregadas domésticas nas casas dos Comandantes. A cor de suas vestes é o verde.

As Econoesposas são as mulheres dos homens de classes mais baixas, que tem que exercer as várias funções consideradas femininas: ter e cuidar dos filhos, o trabalho doméstico e o companheirismo. Suas vestes são uma mistura das diferentes cores (vermelho, azul e verde) refletindo os múltiplos papéis exercidos.

As Não-Mulheres são mulheres estéreis, mais velhas, algumas viúvas, ou que não se enquadravam na sociedade gilleadiana, como lésbicas (não férteis ou que não se enquadrassem no treinamento para Aias), freiras e dissidentes políticas. Também “Aias que estragaram três oportunidades”<sup>6</sup>, ou seja, Aias que não conseguiram ter filhos, depois de três Comandantes diferentes. Elas são excluídas da sociedade e mandadas para

<sup>5</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 357

<sup>6</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 295



trabalhos forçados nas Colônias. Esses locais eram de diferentes tipos, sendo os piores as áreas de lixo tóxico, com vazamento de radiação, cuja expectativa de vida era de três anos no máximo, já que o trabalho era realizado sem qualquer tipo de proteção, para baratear custos e visto que o objetivo do regime era de eliminar essas pessoas, consideradas indesejáveis.<sup>7</sup>

Outra categoria de mulheres, não reconhecidas publicamente mas ainda existentes e escondida são as Jezebéis, mulheres forçadas a se tornarem prostitutas, disponíveis somente para os Comandantes e seus convidados, em um local escondido do resto da sociedade. São mulheres atraentes e educadas que não serviam para Aias por seu temperamento, e foi dada a elas a escolha entre se tornarem prostitutas ou irem para as Colônias. Permanecem vivendo nos clubes restritos aos Comandantes e convidados, escondidas do resto da sociedade, por se tratar de atividade proibida. São as únicas que podem usar maquiagem e se vestem com roupas sensuais, podendo consumir álcool e drogas nesses locais, trabalhando somente à noite, sob o controle de Tias. Uma vez que comecem a envelhecer, são descartadas.

Em relação aos Homens, abaixo dos Comandantes encontram-se os Olhos, que são a polícia secreta de Gillead. Os Anjos, que usam uniformes negros, são soldados que lutam nas guerras para expandir o território do regime, e posteriormente podem se casar. Os Guardiões, que são usados em patrulhas policiais e outras funções, usam uniformes verdes, e podem ser posteriormente promovidos a Anjos. Destaca-se que o uso de uniformes tende a reduzir o indivíduo a sua função social, assim como o nome das Aias que passa a ser dado conforme o Comandante a quem “pertencem”.<sup>8</sup>

Aqueles que não se encaixam na rígida divisão de castas do regime são eliminados, através de linchamentos coletivos e de enforcamentos. Isso incluía por exemplo, médicos que anteriormente faziam abortos (quando era legal) e fossem denunciados, líderes religiosos de outras religiões (como os católicos, Quakers e batistas) e homossexuais, considerados Traidores de Gênero. Alguns desses últimos são mandados para as Colônias, trabalhar com lixo tóxico. Conforme descreve a narradora:

<sup>7</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 295.

<sup>8</sup> LECLAIRE, Jacques. De la dystopie à la métaphiction dans *The Handmaid's Tale*. In : LECLAIRE, Jacques e LACROIX, Jean-Michel (org.) *Margaret Atwood : The Handmaid's Tale/ Le Conte de la servante. The Power Game*. Paris, França: Presses Sorbonne Nouvelle, 1998 Disponível em: <http://books.openedition.org/psn/5075>. Acesso em 24 jul 2019 P. 63-78





Há três novos corpos no Muro. Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta. A batina foi posta nele para o julgamento, embora tenham desistido de usá-las há anos, quando as guerras entre as seitas começaram. Os outros dois têm cartazes púrpuras pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero. Seus corpos ainda estão vestidos com os uniformes dos Guardiões.<sup>9</sup>

A narrativa parte do olhar de uma Aia, Offred, que passa a contar sua história, a partir do momento no qual passa a servir ao terceiro Comandante, após duas tentativas frustradas. A história intercala momentos de reminiscências da narradora de sua vida antes de se tornar Aia: a vida com seu marido e sua filha, suas lembranças dos momentos de início do regime, a perda de sua autonomia para o marido a partir da retirada de direitos, e a tentativa frustrada de fuga da família para o Canadá, na qual ela e a filha são capturadas pelo regime e seu marido tem um destino ignorado por ela. A narradora intercala momentos de sua rotina com essas lembranças, assim como as memórias de seu treinamento como Aia, da anterior convivência com a mãe e com a melhor amiga, Moira.

Na nova casa, a protagonista é tratada com desprezo pela Esposa do Comandante, Serena Joy, que era uma personalidade cristã da TV como cantora e protagonista de programas antes do novo regime. A rotina da protagonista é sair para fazer as compras, juntamente com outra Aia, Ofglen, já que é proibido que elas andem sozinhas. Posteriormente, Offred vai descobrir que Ofglen faz parte de uma rede secreta de resistência contra o regime, chamada de Mayday.

A princípio, o principal papel de Offred seria somente o de submeter-se à Cerimônia, uma vez por mês, para dar descendência ao Comandante. A Cerimônia é uma espécie de estupro ritual onde estão presentes o Comandante, sua Esposa e a Aia, no qual o Comandante tem relações sexuais com a Aia.

Surpreendentemente, o Comandante requisita a presença de Offred fora da Cerimônia, convidando-a para jogar Scrabble (jogo conhecido no Brasil como palavras cruzadas) e passando a oferecer favores para ela, como ler revistas femininas, durante o período em que estão juntos no escritório dele. Destaca-se que o contato entre o Comandante e a Aia deveria ser restrito a cerimônia, até mesmo para controlar o tipo de relação entre eles. Conforme se verifica do texto:

Minha presença aqui é ilegal. É proibido para nós estarmos sozinhas com os Comandantes. Somos para fins de procriação: não somos concubinas,

<sup>9</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P.



garotas gueixas, cortesãs. Pelo contrário: tudo o que era possível foi feito para nos distanciar dessa categoria. Presume-se que nada há de ser divertido a nosso respeito, nenhum espaço para que luxúrias secretas floresçam é permitido; nem quaisquer favores devem ser obtidos por persuasão, por eles ou por nós, não devem existir quaisquer oportunidades ou atividades que possam dar ensejo a amor. Somos úteros de duas pernas, apenas isso: receptáculos sagrados, cálices ambulantes.<sup>10</sup>

Finalmente, ele dá a ela lingerie e maquiagem e a leva secretamente com ele ao Clube, onde se encontram as mulheres forçadas a se prostituírem, chamadas de Jezebéis. Offred encontra lá sua amiga Moira, que tinha fugido do Centro de Treinamento para Aias, e foi recapturada. Aí ela toma conhecimento de que as mulheres ainda jovens que não se encaixam nas castas do regime são forçadas a escolher entre se prostituírem ou irem para as Colônias, trabalhar com lixo tóxico.

Sem saber que o Comandante tem encontros secretos com Offred, sua Esposa Serena Joy suspeita que o marido seja infértil, e faz uma proposta para Offred que se encontre com o motorista da família, Nick, para que ela possa ter um filho. Após esse encontro arranjado, Offred continua se arriscando e encontrando Nick. Offred comunica a Nick que acha que está grávida. Posteriormente, a companheira de caminhada de Offred, Ofglen, desaparece, o que é comunicado como um suicídio. Serena Joy descobre evidências da relação de Offred com o Comandante, ao descobrir as roupas utilizadas por Offred para ir a casa das Jezebéis. Offred pensa em suicídio. Depois disso, surgem homens na casa para levar Offred. Nick diz a ela para ir embora com eles, que fazem parte da organização Mayday. Para a família, os homens dizendo serem membros da polícia secreta (Os Olhos) e que Offred teria cometido o crime de Violação de Segredos de Estado. Offred vai embora com eles, sem ter certeza do que seria verdadeiro (os homens serem parte de Mayday ou da Polícia Secreta).

O romance termina com um epílogo chamado de Notas Históricas, em uma espécie de metanarrativa, uma transcrição das Atas do Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gilleadianos, realizados na Universidade de Denay, Nunavit, em 25 de junho de 2195<sup>11</sup>. Nessa conferência, ficamos sabendo através da conferência de Professor Pieixoto como foram encontradas as fitas cassetes que continham a narrativa de Offred, que foram organizadas e publicadas como “O Conto da Aia”. Também fica claro na conferência que

<sup>10</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 165.

<sup>11</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 351



após o colapso da República de Gilead, uma sociedade com direitos para as mulheres e com liberdade religiosa reaparece. Também há referência expressas a comparações históricas, trazendo uma das fontes históricas utilizadas pela autora ao escrever o livro, a Revolução Islâmica ocorrida na República do Irã.

## 2 RELAÇÕES ENTRE “O CONTO DA AIA” E AS VIOLAÇÕES A DIREITOS HUMANOS E DIREITOS DAS MULHERES.

Observando-se a história de O Conto da Aia, são várias as violações a Direitos Humanos, especialmente aos Direitos das Mulheres. Primeiramente, destaca-se a violação à Dignidade da Pessoa Humana, já que a partir da instituição da República de Gilead, as pessoas (que não sejam Comandantes ou agentes do regime) vivem permanentemente aterrorizadas e vigiadas, especialmente as mulheres.

Destaca-se que se instituiu um permanente Estado de Exceção, a partir da morte do Presidente e quando metralharam o Congresso, e o Exército declarou estado de emergência<sup>12</sup>, inclusive com a suspensão da Constituição, que na época se divulgava como temporária, mas que se tornou permanente. Os jornais passaram a ser censurados, alguns foram fechados, e barreiras nas estradas começaram a aparecer.

A partir da instituição das castas do novo regime, as mulheres perdem sua identidade como pessoas, passando apenas a existir vinculadas às funções que exercem. Tem restrito seu direito de ir e vir, controlado rigidamente pela estrutura do regime. Mesmo as Esposas, que estão na classe mais alta das mulheres em Gilead, somente podem sair em determinadas ocasiões, como nascimentos, execuções coletivas ou quando uma delas fica doente.

As Aias podem sair somente para fazer as compras da casa, sempre em duplas, já que não podem circular sozinhas, mas são continuamente vigiadas nessas saídas pelos Guardiões. Também são levadas a exames médicos mensais e podem assistir (e participar) das Execuções Coletivas do regime.

Todas as mulheres são privadas do acesso a direitos básicos como o acesso a propriedade privada, ao trabalho e ao dinheiro. Uma das primeiras medidas impostas pelo regime foi de restringir o acesso das mulheres ao trabalho fora de casa e ao mesmo tempo

<sup>12</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 208





trancar o acesso aos recursos financeiros, bloqueando as contas das mulheres, que passam a poder ser movimentadas somente por seus maridos ou parentes masculinos próximos. Conforme a narrativa: “Eles congelaram as contas, disse ela. [...] Qualquer conta com um F em vez de um M. Tudo que precisaram fazer foi apertar alguns botões. Estamos deserdadas. Confiscaram tudo.”<sup>13</sup> O regime bloqueou as contas das mulheres ao mesmo tempo que retirou o direito delas de permanecerem nos empregos ao mesmo tempo, para evitar que pessoas pudessem fugir com facilidade do país.

As manifestações contra essas medidas foram punidas com brutalidade pelo regime, impondo pela força a nova ordem:

Houve passeatas, e claro, muitas mulheres e alguns homens. Mas foram menores do que se teria imaginado. Creio que as pessoas estavam com medo. E quando se tornou de conhecimento público que a polícia ou exército, ou fossem lá quem fossem, abririam fogo quase que tão logo quaisquer das passeatas comesçassem, as passeatas pararam.<sup>14</sup>

Portanto, a partir do golpe, o novo governo também retira o direito de manifestação. A narradora também destaca que o direito de voto passa a não existir mais. Portanto, os direitos de livre manifestação, os direitos políticos em geral passam a não existir mais, para toda a população.

Em um governo fundamentalista religioso, uma das primeiras garantias retiradas é a liberdade religiosa, tornando aqueles que não se convertiam à seita religiosa que assumiu o poder inimigos do Estado e condenados a pena de morte.

Em uma sociedade totalitária, a imposição do Estado aos papéis determinados por seu gênero, e a despersonalização imposta às mulheres, especialmente às Aias e às Martas, demonstram a retirada da autonomia da vontade e do direito a autodeterminação como pessoa humana. O próprio direito ao nome é retirado das Aias, que passam a ser designadas pelo nome do Comandante a que servem: Offred significa “de Fred”. A partir do momento que passassem a servir a outros comandantes, as Aias passariam a assumir outros nomes.

A violação do direito à autonomia de vontade é demonstrada de forma mais extrema na perda do direito ao próprio corpo. O treinamento das Aias é realizado para que elas se tornem apenas receptáculos, aceitando com docilidade seus destinos como

<sup>13</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 214

<sup>14</sup> ATWOOD, Margareth. *O Conto da Aia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. P. 215



reprodutoras para as classes dominantes. Essa submissão é garantida através de um treinamento para retirar totalmente a possibilidade de resistência dessas Aias, utilizando inclusive castigos corporais.

## CONCLUSÃO

A partir da leitura da obra “O Conto da Aia”, o presente trabalho propõe a reflexão sobre a restrição de Direitos Humanos e Fundamentais ocorridos na narrativa. Pode-se concluir que a narrativa permite identificar diferentes situações de afronta aos direitos humanos, especialmente dos direitos das mulheres. Inicialmente, a instituição de um regime de exceção tipicamente acaba com a liberdade de expressão, os direitos políticos, e o direito de ir e vir. O controle cada vez maior acaba por transformar a vida das pessoas em uma eterna vigilância, refletindo-se posteriormente em outros âmbitos. Especificamente na obra “O Conto da Aia”, são retirados o direito à liberdade religiosa, e os direitos das mulheres, que não podem mais possuir qualquer tipo de propriedade, não podem mais trabalhar fora de casa, não podem mais ler nem escrever. O processo de intervenção acaba por interferir na autonomia individual, impondo-se papéis relacionados ao gênero, e retirando a própria vontade das mulheres, obrigadas a cumprir somente os papéis determinados pelo regime de Gilead.

A análise inicial realizada nesse artigo a partir da obra “O Conto da Aia” abriu a discussão sobre as formas de restrição aos direitos humanos, especialmente aos direitos das mulheres. Tratando-se de uma distopia, a narrativa literária permite identificar diferentes situações que juntas parecem extremas, mas que trazem elementos que se baseiam em diferentes realidades, e que podem ser identificadas nas realidades históricas utilizadas como inspiração pela autora. Mas também se pode identificar no mundo contemporâneo situações de ameaças e retiradas de direitos de forma semelhante ao que ocorre no livro, o que serve como alerta para que a necessidade da luta permanente pelos direitos humanos e sua efetivação.

## REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margareth. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017



DVORAK, Marta. Foreword In: DVORAK, Marta (org.) **Lire Margaret Atwood : The Handmaid's Tale**. Rennes, França: Presses universitaires de Rennes, 1999 Disponível em: <http://books.openedition.org/pur/30510>. Acesso em: 23 de jul. 2019. P.13-16

LECLAIRE, Jacques. De la dystopie à la métafiction dans *The Handmaid's Tale* In : LECLAIRE, Jacques e LACROIX, Jean-Michel (org.) **Margaret Atwood : The Handmaid's Tale/ Le Conte de la servante. The Power Game**. Paris, França: Presses Sorbonne Nouvelle, 1998 Disponível em: <http://books.openedition.org/psn/5075>. Acesso em 24 jul 2019 P. 63-78